

A EUCARISTIA, PÁSCOA DA IGREJA-COMUNHÃO EM TILLARD¹

*Pedro Alberto Kunrath**

Resumo

A Eucaristia é o Sacramento dos Sacramentos da Igreja, no qual se centra e concentra a totalidade da vida cristã. Por isso, o Concílio Vaticano II não duvida em chamá-la de “fonte e ápice da vida cristã” (LG 11). Do ponto de vista eclesial, a Eucaristia é a manifestação e a realização mais significativa da Igreja, já que nela tem lugar a plena integração do Cristo no seu Mistério Pascal. Nela, Cristo se faz presente em sua Igreja de forma mais intensa; nela se manifestam e renovam as diversas dimensões da missão, como comunhão, palavra, liturgia, caridade; nela se faz significar e se realiza a mútua e complementária relação entre reunião (assembléia) e missão (ação), entre a Palavra e o próprio Sacramento; é a Páscoa da Igreja-comunhão.

PALAVRAS-CHAVE: Eucaristia; Páscoa; assembléia eucarística.

Abstract

The Eucharist is the Sacrament of the Sacraments of the Church, in which is found the totality of the Christian life. Therefore, Second Vatican Council calls her “spring and apex of the Christian life” (LG 11). In the ecclesial viewpoint, the Eucharist is the manifestation and the most significant achievement of the Church then in it is seen the integration of the Christ in his Pascal Mystery. Christ is here present in his more intense form.

KEY WORDS: *Eucharist, Easter, Eucharistic assembly.*

* Doutor em Teologia. Professor da PUCRS.

¹ Jean-Marie Roger Tillard nasceu em 1927 em Saint Pierre et Miquelion (França), entrou na Ordem dos Pregadores (Dominicanos) em 1950. Fez seus estudos universitários de Filosofia (Roma) e Teologia em Le Saulchoir (França). Além de seu ensino regular de dogmática, na Faculdade dominicana de Ottawa (Canadá) e na Universidade de Friburgo (Suíça), foi consultor do Secretariado para a unidade dos cristãos do Vaticano, vice-moderador da unidade “Fé e Constituição” do Conselho Mundial de Igrejas; membro empenhado nas questões ecumênicas, espe-

O século XX, além de ser o século da Igreja, é também marcado pela renovação da Teologia da Eucaristia na re-descoberta da constante comunhão que existe entre o mistério do Corpo eclesial de Cristo e o mistério de seu Corpo eucarístico, como centro da reflexão teológica atual.² Com isso evidencia-se sempre com mais força que a Igreja é no seu próprio ser eucarística e que esta é uma de suas características, no seu estado de peregrina, no Mistério, até ao Reino definitivo.³ A

cialmente na Comissão anglicano-católica (Anglican-Roman Catholic International Commission – ARCIC), na Comissão ortodoxa-católica e na Comissão Internacional para o diálogo entre a Igreja Católica Romana e os Discípulos de Cristo. Autor de obras de grande ressonância ecumênica: *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*. Paris, 1964 (edição italiana: *L'Eucaristia pasqua della chiesa*. Roma, 1965); *L'Évêque de Rome*. Paris, 1982 (edição italiana: *Il vescovo di Roma*. Brescia, 1985); *Église d'Églises. L'ecclésiologie de communion*. Paris, 1987 (edição espanhola: *Iglesia de Iglesias. Eclesiología de comunión*. Salamanca, 1991); *Chair de l'Église, chair du Christ. Aux sources de l'ecclésiologie de communion*. Paris, 1992 (edição espanhola: *Carne de la Iglesia, carne de Cristo. En las fuentes de la eclesiología de comunión*. Salamanca, 1994); *L'Église locale. Ecclésiologie de communion et catholicité*. Paris, 1995. É autor de dezenas de outras obras e colaborou com artigos de Eclesiologia e de Ecumenismo em inúmeras revistas, como *Irenikon*, *Lumen Vitae*, *Nouvelle Revue Théologique*, *Proche-Orient Chrétien*, *One in Christ*, *Istina*, *Cristianesimo nella storia*, *Nicolaus*. Para uma boa síntese desse autor, cf. SARTORI, L. Un protagonista di teologia ecumenica: Jean Marie Roger Tillard. *Credere Oggi* 103 (1/1998), p. 119-127. Falecido prematuramente em 13 de novembro de 2000.

- ² Como não se pode refletir profundamente sobre a Igreja de Deus, sem fazer menção à Eucaristia, sinal e fermento da unidade dos cristãos, conforme a intuição do Concílio Vaticano II (cf. *LG* 3, 7 e 10; *CD* 15 e 30; *PO* 2, 4-5 e 13-14), assim não se pode pesquisar o mistério do corpo eucarístico do Senhor sem fazer menção à sua função eclesial. Tillard usa a palavra “osmose” para falar da constante comunhão que existe entre Igreja e Eucaristia, cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucaristia e la Chiesa*. In: RENWART, L. et al. (ed.). *Eucaristia: aspetti e problemi dopo il Vaticano II*. Assisi, 1968, p. 57 (p. 57-86); FORTE, B. *La Chiesa nell'Eucaristia. Per una ecclesiologia eucaristica alla luce del Vaticano II*. Napoli, 1975, que prefere usar a palavra *perikóresis* existente entre a Igreja e a Eucaristia.
- ³ Como bibliografia toma-se essencialmente o autor em estudo, cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*. Paris, 1964, um volume escrito durante o Concílio Vaticano II mas que aborda já profeticamente os sinais de um Eclesiologia eucarística e de comunhão; Id. *Le sacrement événement de salut*. Paris, 1964; id. *L'Eucaristia e la Chiesa*, op. cit., p. 57-86; id. *Penitência ed Eucaristia*. In: R. RENWART et al. *Eucaristia. Aspetti e problemi dopo il Vaticano II*, op. cit., p. 130-157; id. *L'Eucharistie et le Saint-Esprit*. In: *Nouvelle Revue Théologique* 90 (1968), p. 363-387; id. *Eucharistie et la fraternité*. In: *Nouvelle Revue Théologique* 101 (1969), p. 113-135; id. *Eucharistie et Église*. In: ZIZIOLAS, J.; TILLARD, J.-M. R.; ALLMEN, J. J. von. *L'Eucharistie*. Paris, 1970, p. 75-135; id. *Chair de l'Église, chair du Christ. Aux sources de l'ecclésiologie de communion*, op. cit.; outras referências da relação Eucaristia e Igreja em, id. *Église d'Églises. L'ecclésiologie de communion*, id. *L'Église locale. Ecclésiologie de communion et catholicité*, como também outros artigos referentes ao assunto.

Eucaristia, vista em relação ao mistério da Igreja, é o Sacramento que faz e exprime, de maneira mais sensível e visível, a unidade eclesial, na força do Espírito Santo. E em relação ao Povo de Deus sempre a caminho da Páscoa definitiva, a Eucaristia é o memorial da nova e eterna Aliança que torna presente a catolicidade em plenitude no contexto de cada Igreja local, sempre em comunhão com a Igreja universal.⁴

A Eucaristia apresenta-se como o sacramento que constrói a Igreja no seu estado peregrinante, da tensão entre o que “já” foi dado e revelado na Páscoa do Senhor e o “ainda não” cumprido definitivamente, na progressiva libertação do pecado e das situações de morte e na inserção da Igreja na plenitude da comunhão de vida com a Trindade. Torna-se, assim, a Eucaristia o coração da própria Igreja, a sua Páscoa: comunhão de vida dos homens com o Pai e entre si em Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo.⁵

A Igreja ensina, desde longa Tradição, que “Cristo instituiu a Eucaristia na noite de sua paixão” (*DS* 1638). As quatro narrativas da instituição da Eucaristia (cf. *Mc* 14, 22-25; *Mt* 26, 26-29; *Lc* 22, 14-20; *1 Cor* 11, 23-25) têm o seu habitat na Liturgia da comunidade. A refeição é sempre um momento importante na vida da família e da própria comunidade. Sentar-se à mesa e comer juntos significa repartir os dons, as alegrias, os sofrimentos; oportuniza o encontro, demonstra hospitalidade e amizade e a caridade que une as pessoas. E cada refeição tem, em princípio, o sentido de uma comunhão fraterna.⁶ A Eucaristia foi instituída no contexto de uma refeição: “Fazei isto em memória de mim” (*Lc* 22,19; *1 Cor* 11,24; cf. *SC* 47). O sentido profundo da ceia eucarística não pode ser compreendido fora do quadro da tradição litúrgica do Antigo Testamento, à luz da liturgia hebraica e

⁴ Tillard fala de uma Igreja local, uma Eucaristia e um altar como expressão e Sacramento do Evangelho de Deus: “La synaxe eucharistique est ainsi l’expression normative par excellence de l’Église locale, Église de Dieu en tel lieu, Église catholique dans cette communauté réconciliée par la Pâque” (TILLARD, J.-M. R. *L’Église locale*, p. 263).

⁵ Para entender o mistério da Eucaristia, Sacramento de salvação, diz Tillard, deve-se perseguir a resposta do que consiste exatamente “comunhão de vida” (cf. TILLARD, J.-M. R. *L’Eucharistie. Pâque de l’Église*, p. 36).

⁶ Neste contexto, os fariseus não suportam que Jesus tenha comunidade e comunhão de mesa com os publicanos e pecadores (cf. *Mt* 9, 9-13; 11,19; *Lc* 7, 36-50; 15, 1-2; 19, 1-10), pois os inclui na paz de Deus e os envolve na comunhão (cf. TILLARD, J.-M. R. *L’Eucharistie. Pâque de l’Église*, p. 23).

particularmente da liturgia do banquete pascal.⁷ A Páscoa envolve e penetra o sentido mais originário e profundo da Eucaristia e torna compreensível o que ela significa para a vida da Igreja.

Mas, sendo a Páscoa o elemento religioso fundamental do Antigo Testamento, onde se comemora a intervenção ou a passagem libertadora de Deus, que se revela para salvar o seu povo, ao mesmo tempo, é o nome dado ao rito-memorial que daquela intervenção divina constituía, na fé de Israel e na prática litúrgica, a perene atuação de Deus na história, hoje cumprida na Páscoa de Cristo na sua Igreja, em cada celebração eucarística. Com o rito realizado na última ceia e confiado aos Apóstolos, com a missão de fazê-lo em sua memória, Jesus se introduz, em primeiro lugar, no evento pascal, dando um sentido novo à celebração litúrgica da Páscoa hebraica e prefigurando o dom total de si que cumpriria em sua própria Páscoa; e, em segundo lugar, oferecer aos seus discípulos de então e para toda a Igreja peregrinante, até a Páscoa definitiva, a modalidade de como celebrar perenemente a plenitude da Páscoa cristã, na Eucaristia.⁸

Celebrando a Eucaristia, a Igreja põe sobre a mesa os sinais do sacrifício de Cristo – o pão e o vinho –, o seu corpo e o seu sangue diante do Pai, fazendo memória de sua obra redentora e rendendo graças por tudo aquilo que fez pelos homens. Através da participação no corpo e no sangue de Cristo, que confirmam a nova Aliança e realizam a esperança de Israel, os fiéis que dela participam são introduzidos no dinamismo do cumprimento definitivo desta Páscoa, até ao dia do Filho

⁷ Tomando os dados da Escritura, Tillard explica a relação entre a Páscoa hebraica e a Páscoa da nova Aliança em Jesus (cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 108s. “Dans le mystère de sa propre Pâque, par le sang de son propre sacrifice (*Hb* 9,12; 12,24), Jésus va conclure la Nouvelle Alliance (*Hb* 8,6.13; 9,15; 12,24) déjà annoncée par Jérémie (31, 31-34) et que l’Ancienne ne faisait que préparer [...] Jésus prolongue-t-il le sens du repas pascal rituel en changeant le contenu: du mémorial de l’Ancienne Alliance (célébrant à la fois la délivrance d’Égypte et l’acte du Sinai) il fait de mémorial de la Nouvelle Alliance qui accomplit l’Ancienne. La coupe qu’il offre aux siens porte vraiment, quoique mystérieusement, le sang sacrificiel dans lequel se scelle le mystère de l’Église, communion de Vie définitive entre Dieu et les hommes, en lui et par lui” (cf. *ibid.*, p. 109).

⁸ Trata-se sempre de uma Aliança toda ela pascal, como a antiga Aliança; porém, na Páscoa de Cristo, torna-se Aliança pascal da Igreja (cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 112). Se para os hebreus do Antigo Testamento toda a História da Salvação era sintetizada na Páscoa do Êxodo, da qual a celebração da Páscoa anual era o memorial, para os cristãos a História da Salvação é sintetizada na Páscoa de Cristo, da qual a Eucaristia é o memorial vivo e eficaz.

do Homem (cf. *Mt* 25, 31-46).⁹ Centro de todo o organismo sacramental, ponto conclusivo da iniciação cristã com o Batismo e sua Confirmação, a Eucaristia é o sacramento privilegiado no qual, pela comunhão do corpo e do sangue do Senhor, a Igreja da terra vai atingindo sempre mais a comunhão de vida com o Senhor da Igreja, de um lado, separando-se sempre um pouco mais do pecado e, de outro lado, intensificando a esperança de sua vinda gloriosa.¹⁰

Eucaristia é fundamentalmente presença. Assim foi a experiência primeira, a mística da Eucaristia primitiva: as comunidades locais reconheciam o Senhor ressuscitado, em meio aos seus, durante a ceia, como o faz entender a narração dos discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24, 35). A presença do Senhor ressuscitado na Igreja é toda relacional; seu corpo vivificado pelo Espírito é inteiramente pessoal, porque ele é o ressuscitado do Pai no Espírito, aceito no mistério trinitário que é totalmente comunhão.¹¹ Assim, na fé das primeiras comunidades apostólicas, somente é possível salvar-se estando em Cristo e no seu Espírito; e somente é possível estar em Cristo sendo membro de seu Corpo, a Igreja de Deus. Os dois termos, Eucaristia e Igreja, como duas realidades, são sempre correlativos e se harmonizam mutuamente. A Eucaristia é um dom-sacramento que Cristo deixou e confiou à sua Igreja; e, por sua vez, a Igreja é uma comunidade eucarística que não se

⁹ Tillard chama a atenção de que a participação na comunhão de vida com o Senhor da Eucaristia não se torne motivo de condenação (cf. *1 Cor* 11, 27-34). (Cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 114). O mistério da Eucaristia é tão ligado ao mistério da Igreja, constituída pela nova Aliança que, desprezando uma, mostra-se pouca estima pela outra e, pecando contra uma, peca-se contra a outra (cf. *ibid.*, p. 116). Disso nasce toda a relação fraternal com o outro, um irmão em Cristo (cf. *id. L'Eucharistie et la fraternité*).

¹⁰ A salvação é uma Páscoa, isto é, uma passagem da morte à vida, em dois momentos: a destruição do pecado – a redenção – e a inserção na vida nova – a Igreja. No corpo eucarístico de Jesus Cristo cumpre-se a plenitude da Páscoa, com a destruição do pecado (corpo sacrificial) e a inserção na vida nova (corpo glorioso) da Igreja; a Eucaristia é, portanto, o Sacramento da salvação da Igreja, comunhão de vida com o Senhor da Igreja. Tillard trabalha isso em dois movimentos: o movimento ascendente, dos homens a Deus (sacrifício, redenção), acentuado pela Cristologia “carne-Deus”, própria da Teologia paulina e da Escola de Antioquia; e o movimento descendente, de Deus aos homens (aceitação do sacrifício-comunhão), colocado em evidência pela Cristologia “Logos-carne”, próprio de João e da tradição da Escola de Alexandria (TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 59-105).

¹¹ TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 107-173; *id. Chair de l'Église, chair du Christ*, p. 47-98.

encontra destacada, separada ou à parte, mas fortemente vinculada à Eucaristia. A Eucaristia é a medida do “ser Igreja”, de pertença à verdadeira Igreja de Deus, animada pelo Espírito Santo, mas também ela é o Sacramento do crescimento como Igreja.¹² E por isso deve ser celebrado, para que a Igreja torne-se sempre mais eucarística.

Celebrando a Eucaristia, a Igreja, à qual Cristo deixou o memorial de sua Páscoa libertadora e salvadora, não se limita a cumprir ritualmente o mandamento do “fazei isto em memória de mim”, mas faz seu o gesto de autodoação do Senhor, vive e age como seu Senhor. Na Eucaristia, a Igreja se reconhece como comunidade reunida sob a iniciativa divina, chamada a inserir-se no movimento de oferta e de serviço, e nela reconhece o seu centro e o seu modelo exemplar.¹³ Mediante a celebração eucarística, a Igreja se realiza, vive, cresce e se projeta no mundo como comunhão; constrói-se como Corpo de Cristo e torna-se co-participante da missão de seu Senhor. No centro da economia sacramental está a Eucaristia,¹⁴ o grande memorial do

¹² Entendendo o mistério da Eucaristia “Sacramento da salvação”, é necessário entender a salvação como comunhão com Deus. E o lugar dessa comunhão é Jesus ressuscitado, o Senhor, cuja presença se encontra na Igreja. E dizer que a Eucaristia é um Sacramento da salvação é também dizer que é um Sacramento da Igreja, em comunhão com a Trindade. Nesse particular, Tillard toma Agostinho como expressão da Teologia ocidental, que ele define como o pastor-teólogo, atento ao contexto pastoral e às implicações invioláveis do dado revelado em relação à Eucaristia e sua íntima relação com a Igreja, comentando certas passagens de AGOSTINHO. In: *Joan. Evang. Tractatus XXVI*, 11ss: PL, 35, 1611ss (cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 152, especialmente, p. 146-155; id. *Chair de l'Église, chair du Christ*, p. 53-68).

¹³ Tomando os primeiros testemunhos da Tradição cristã, Tillard chega à conclusão de que a Eucaristia purifica a Igreja peregrinante nos caminhos do mundo, libertando-a do pecado, não automaticamente, não bastando aos fiéis o simples fato de participarem da comunhão eucarística, mas tendo em suas vidas a atitude de “ser” Igreja, citando Cirilo de Alexandria (In: *Joan.*, XII, 1 Comment. de 17, 21: PG, 74, 560 e 20,17: PG 74, 696 B-D) (cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 127). Em sua obra mais recente, fala de Cirilo como o testemunho mais eloquente da Igreja de Alexandria, para definir a estreita comunhão dos cristãos com Cristo e entre si que participam da Eucaristia, para edificar a Igreja de Deus (cf. Id. *Chair de l'Église, chair du Christ*, p. 88-93). “La communion eucharistique laisse dans la chair du croyant l’empreinte de la chair du Christ, avec l’Esprit. De cette empreinte en tous naît l’Église de Dieu” (Ibid., 93).

¹⁴ A Igreja, quando celebra a Eucaristia, torna-se aquilo que é, Corpo de Cristo. Tillard é de convicção de que a Igreja nasce da Eucaristia, pois o *corpus verum* (a Igreja de Cristo na sua plenitude) deriva do *corpus mysticum* (do corpo do Senhor presente no Sacramento da Eucaristia) (cf. TILLARD, J.-M. R. *Il n’est d’Église qu’eucharistique. Nicolaus* 10 (1982), p. 233-262).

Mistério pascal e de toda a obra de Cristo. Ela é o “viático sacramental”, que orienta a comunidade dos fiéis em vista do retorno glorioso de Cristo;¹⁵ ela faz a Igreja, porque cada Eucaristia constrói o fundamento do único Mistério, o Corpo eclesial de Cristo. Nessa recapitulação do evento salvífico, no memorial eucarístico, a Igreja torna-se sacramentalmente contemporânea à morte e ressurreição de Cristo, como também de toda a sua obra redentora; pois a Eucaristia é como que uma geração cotidiana do próprio Cristo, presente e operante, através de seu Espírito.

Porém, não basta que Cristo esteja presente na sua Igreja no modo sacramental, em virtude de sua promessa. Torna-se necessário que a Igreja manifeste a fecundidade dessa presença, nos sinais visíveis do Reino¹⁶ e que ele se expanda e atue entre os homens como fruto da Eucaristia,¹⁷ já que ela é o Sacramento do irmão pelo qual Cristo é morto e ressuscitado. E assim, de Eucaristia em Eucaristia, a Igreja cumpre sua Páscoa em vista do Reino definitivo,¹⁸ não como uma espera passiva e muito menos alienante, mas como fiéis ativos e dinâmicos, sábios e empreendedores (cf. *Mt 25, 1-30*), recomendados à

¹⁵ Na passagem (Páscoa) do Senhor ao evento da Parusia do Filho do Homem, a Igreja passa, ainda que por provações e dificuldades, deste mundo ao Pai, da escravidão do pecado ao mundo da glória e da liberdade. Nesse peregrinar, a Eucaristia torna-se o viático: “Son pain de route, son ‘*viaticum*’, doit s’adapter à cette situation d’exode, approfondir de jour en jour son acquis, mais en la dégageant peu à peu de la gangue originelle et de ses attraites” (TILLARD, J.-M. R. *L’Eucharistie. Pâque de l’Église*, p. 167).

¹⁶ Para a construção do Reino de Deus, a Igreja deve vencer o reino das trevas e o que não é uma condição de uma luta pacífica da Igreja peregrinante (cf. *Jo 15, 18-19*). Mas a celebração e a participação na Eucaristia torna a Igreja sempre mais purificada e vencedora no ato pascal de Cristo (cf. TILLARD, J.-M. R. *L’Eucharistie. Pâque de l’Église*, p. 161-173).

¹⁷ Cf. TILLARD, J.-M. R.. *L’Eucharistie. Pâque de l’Église*, p. 166s. Segundo nosso autor, em Antioquia o testemunho mais convincente da fé no vínculo constitutivo da Eucaristia e a Igreja, é João Crisóstomo. A Eucaristia realiza na Igreja uma união tão estreita em que todos formam uma unidade e é o Sacramento que mostra que a comunhão com Cristo acaba com toda a distinção de raça, de dignidade e estatuto social (cf. id. *Chair de l’Église, chair du Christ*, p. 80-87). Sobre os sinais do Reino como frutos da Eucaristia, especialmente a fraternidade humana (cf. id. *L’Eucharistie et la fraternité*).

¹⁸ A Eucaristia é o Sacramento que melhor se adapta à condição da Igreja peregrina, como Povo de Deus na sua etapa terrestre: “Pain de la *koinonia*, elle est vraiment le pain qui maintient l’Église terrestre en état de Pâque, dans l’attente de la grande épiphanie au jour de la Parousie” (TILLARD, J.-M. R. *L’Eucharistie. Pâque de l’Église*, p. 173).

perseverança e à caridade, fermento contínuo de novidade e de empenho generoso para a salvação de toda a humanidade.¹⁹

A instituição da Eucaristia, na última ceia, acontece quando Jesus está sentado à mesa com os Apóstolos (cf. *Lc 22, 14*). E como “desejava ardentemente comer a Páscoa com os seus” (*Lc 22, 15*), oferece-lhes o pão como alimento e o vinho como bebida, transformados pelo sacrifício da cruz no seu corpo e no seu sangue. E é assim que a Eucaristia na Igreja é um verdadeiro banquete, banquete sacrificial, pois a oferta que Cristo faz de si mesmo nos sinais do pão e do vinho sobre a mesa não é senão a antecipação sacramental da oferta que está para fazer de si no altar da cruz. Como os hebreus, comendo o cordeiro pascal, reconheciam e experimentavam a presença do Deus de seus pais, sempre fiel à sua Aliança e, reconhecendo-se povo salvo, renovavam o pacto da Aliança na ceia pascal, assim a Igreja, no banquete eucarístico, reconhece e testemunha que “Deus reconciliou o mundo consigo por Cristo” (*2 Cor 5, 18*), definitivamente.²⁰ A Eucaristia é, desde então, o Sacramento da esperança eclesial,²¹ o pão que, no peregrinar da Igreja, de etapa em etapa, intensifica e reforça no dom do Espírito Santo a tensão entre o “já” e o “ainda não” do Povo de Deus a caminho do ingresso definitivo, no dia da vinda do Cristo glorioso, na comunhão dos bens do Pai.²²

A Eucaristia, memorial da Páscoa, não remete somente a um passado e a um acontecimento realizado na história, recordação da paixão-morte-ressurreição-ascensão do Senhor, mas abre-se também à perspectiva futura, à esperança de sua vinda: *Maran-atha* (*1 Cor 16, 22*;

¹⁹ Dentro de uma Eclesiologia de comunhão, baseada no sentido original da Eucaristia, trata-se de uma missão sempre exigente para a Igreja: ser eucarística. Tillard expressa-o bem, quando fala até de uma missão ideal, como fora nos primórdios da Igreja apostólica narrada nos Atos dos Apóstolos. É a Eclesiologia de comunhão que nasce da Páscoa reconciliadora de Cristo (cf. TILLARD, J.-M. R. *Chair de l'Église, chair du Christ*, p. 98).

²⁰ Sobre os testemunhos da Escritura da ceia pascal hebraica e as palavras da instituição de Cristo, que completa esse rito pascal na Eucaristia e que se tornará o memorial de sua própria Páscoa, cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 175-187, com uma referência explícita, especialmente no que diz respeito ao memorial, à obra de THURIAN, M. *L'Eucharistie. Mémorial du Seigneur, sacrifice d'action de grâce et d'intercession*. Neuchâtel-Paris, 1959.

²¹ TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie, sacrement de l'espérance ecclésiale. Nouvelle Revue Théologique* 83 (6/1961), p. 561-592; 83 (7/1961), p. 673-695.

²² Cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 181-182. A Eucaristia constrói a Igreja tornando sempre mais viva a sua tensão para a manifestação definitiva de seu mistério no dia do Filho do Homem.

Ap 22, 20). De fato, a ressurreição de Cristo já inaugurou o mundo novo e na sua humanidade glorificada começou a transfiguração do “novo céu e da nova terra” (*Ap* 21, 1). E é assim que se entende a Eucaristia como banquete comemorativo da Igreja peregrina,²³ mas também banquete antecipativo, pois a Páscoa do Senhor é vitória sobre o pecado e a morte e a libertação-purificação da Igreja em marcha à casa do Pai.

A Eucaristia na Igreja-Mistério da Comunhão

Em um sentido geral, prevalece a idéia de que a comunidade eclesial é fruto do Mistério eucarístico, porque o corpo e o sangue do Senhor são a fonte de onde nasce a Igreja como Corpo de Cristo. E se isso é bem-compreendido pode-se falar de que a Eucaristia faz a Igreja. Porém, não é possível esquecer que, ao mesmo tempo, a Igreja, como Corpo de Cristo, é geradora, princípio e fonte da Eucaristia, por ser o Sacramento primordial que dá sustento e base a toda celebração e a toda realidade sacramental.²⁴ A comunidade eclesial em seu todo é o lugar onde nascem e se administram todos os Sacramentos, que são, por sua vez, Sacramentos de Cristo e de sua Igreja, e em especial o Sacramento da Eucaristia, “fonte e ápice da vida cristã e da evangelização” (*SC* 10; *PO* 5). Essa relação entre Eucaristia e Igreja é tão íntima e profunda que nem a Eucaristia pode existir sem a Igreja, como também não pode existir a Igreja sem a Eucaristia.²⁵

²³ A Eucaristia constrói a Igreja que peregrina na atual etapa da salvação, porque a própria Igreja encontra-se ainda em “estado de salvação” e de espera. Nessa espera ativa, como todos os Sacramentos, também a Eucaristia pertence à Igreja da terra, Igreja que edifica a si mesma introduzindo todas as gerações humanas, pelo fato de ser Católica, nessa Comunhão de vida que a define (cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 227-240). Id. *Chair de l'Église, chair du Christ*, p. 99-153, onde o autor tematiza como a qualidade sacrificial da Eucaristia se inscreve na natureza sacrificial da vida eclesial que passa pelo sacrifício do esvaziamento de si mesma, pela atenção aos pobres e necessitados, pelo serviço desinteressado e pelo próprio martírio, até chegar a ser ação de graças, glorificação ao Pai, em Cristo e no Espírito (cf. *ibid.*, p. 147). Ainda pode-se consultar, TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie, purification de l'Église pèlerinante. Nouvelle Revue Théologique* 84 (5/1962), p. 449-474; 84 (6/1962), p. 579-597.

²⁴ Se a Eucaristia faz a Igreja, é também verdade que a Igreja faz a Eucaristia. Já o dizia De Lubac, quando estabelece esta dupla relação (cf. H. de LUBAC. *Méditation sur l'Église*. Paris, 1953, p. 123-137). O Concílio Vaticano II claramente falou da Igreja como sacramento fundamental e universal de salvação (cf. *SC* 5; *LG* 9 e 48; *AG* 1 e 5).

²⁵ TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistia e la Chiesa*, p. 57-86.

A reciprocidade Eucaristia-Igreja articula a relação das duas dimensões, a vertical e a horizontal. Na Antigüidade cristã, *koinonía* designava de modo inseparável a comunhão no corpo do Senhor na ceia eucarística e a vinculação eclesial, em uma concreta comunidade humana.²⁶ A Igreja como mistério da comunhão se faz presente e se realiza na assembléia litúrgica. Nela, a unidade do Povo de Deus, fundada na consagração batismal, animada e fortalecida pela graça do Espírito Santo, se manifesta como participação de todos e de cada um na medida do dom recebido.

A Igreja é geradora da Eucaristia, desde sua própria realidade original, assim como a celebração litúrgica é geradora do encontro salvífico entre Deus e o homem, em Cristo. E a comunhão deve ser primeiramente comunhão eclesial para que possa ser comunhão sacramental-eucarística. Porém, também é fundamental afirmar que a Eucaristia é geradora da Igreja-mistério,²⁷ que nasce e se desenvolve a partir do mistério eucarístico como fonte de comunhão e de comunidade. É da Eucaristia que os fiéis se tornam Corpo de Cristo ao participarem de seu corpo e sangue, uma vez já incorporados a ele pelo Sacramento do Batismo. E nesse duplo dinamismo, que vai da Igreja à Eucaristia e da Eucaristia à Igreja (ou do Corpo eclesial ao corpo eucarístico e vice-versa), a celebração eucarística torna-se sinal e fermento da Igreja-mistério, pois ela manifesta e revela a essência própria da Igreja: ser comunhão.²⁸

Essa comunhão exige gestos, atitudes e ações concretas em seu exercício, respeitando as diferenças e particularidades de cada um e de cada comunidade local, pois uniformidade e homogeneidade não são sinônimos de comunhão; como também exige a abertura a todos as Eucaristias presididas por outros bispos em comunhão entre si, já que cada uma delas é comunhão no único Corpo do Senhor. A comunhão

²⁶ Falando da Igreja-mistério, intimamente ligada à Eucaristia como sinal visível dessa relação, Tillard se expressa: “Se ora ci domandiamo che cosa è la Chiesa, occorre rispondere che, considerata nella sua totalità, essa altro non è che l’incontro di questi due diversi piani del dinamismo dell’Agape nel e per il Signore Gesù. La sua realtà di *koinonía* si situa qui. Essa è la comunione, realizzata dallo Spirito Santo, dell’uomo immagine-di-Dio con il Padre e con i suoi fratelli nel e per il Cristo risuscitato, vero Figlio eterno del Padre e vero frutto della razza umana” (TILLARD, J.-M. R. *L’Eucaristia e la Chiesa*, p. 60).

²⁷ TILLARD, J.-M. R. *L’Eucaristia e la Chiesa*, p. 61-78.

²⁸ “L’Eucaristia costruisce dunque la Chiesa dandole la sua essenza di Corpo di Cristo (per il contato reale, quantunque sacramentale, della totalità dei credenti alla totalità del Signore glorificato) e inseparabilmente con tutto ciò, rendendola partecipe, al suo stesso livello, della sovranità di Gesù” (TILLARD, J.-M. R. *L’Eucaristia e la Chiesa*, p. 72).

não isenta a Igreja dos dramas individuais e comunitários da humanidade; ao contrário, apelar à *koinonía* não pode servir de desculpa para refugiar-se num mundo ilusório como fuga do mundo real, mas como compromisso histórico de comunhão em meio às dificuldades, obstáculos e resistências que nascem da liberdade finita e da contingência da criatura humana.²⁹ Mas a comunhão eucarística e eclesial possui uma tensão escatológica intrínseca, porque aponta ao momento em que “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15, 28). Todo exercício de comunhão, em nível de pessoas, povos, comunidades e Igrejas locais, é uma efetiva antecipação dessa meta. Por essa tensão escatológica, a comunhão é constitutivamente dinâmica, pois brota do mistério do Deus trinitário, comunhão sempre aberta, comunicação e integração, que engloba tudo e a todos.³⁰

O símbolo fundamentalmente eucarístico deve ser um símbolo de comunhão, muito maior e mais fecundo do que a mera comunhão do corpo do Senhor (ainda que somente espiritual), e por isso não pode ser individualista, mas comunitário e eclesial. E esse símbolo é o banquete eclesial. Se se come o corpo e se bebe o sangue de Cristo, é imprescindível que esse comer e beber seja feito em comunhão e em comunidade, na alegria e na caridade do banquete fraterno, para que o ato sacramental não negue precisamente a exclusão do outro.³¹ O

²⁹ Vinculado a toda essa questão está o problema dos efeitos e dos frutos da Eucaristia. Quando os Padres falam da *virtus substantialis*, da virtude substancial da Eucaristia, não entendem sob esta fórmula alguns dons objetivos, impessoais, que são dados pessoalmente a cada um que participa da comunhão eucarística, mas entendem uma realidade mais ampla: os frutos da Eucaristia são a própria Igreja eucarística e a sua comunhão (cf. TILLARD, J.-M. R., *Chair de l'Église, chair du Christ*, p. 100s; id. *L'Eucaristia e la Chiesa*, p. 70s; id. *Église d'Églises*, p. 186-215; id. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 227s).

³⁰ A tensão da Igreja em vista dessa nova etapa de seu Mistério se intensifica e sempre encontra um novo vigor na Eucaristia. Como diz Tillard, “[...] l'Eucharistie construit l'Église pascale, en état de *transitus ex hoc mundo ad Patrem* dans le Christ qui, comme précurseur (*Hb 6, 20*), l'a précédée dans la gloire du ciel, et qui ne cesse de l'attirer toute à lui, jusqu'au jour où il apparaîtra une seconde fois pour lui donner la totalité du Salut (*Hb 9, 28*), dans la gloire fulgurante de la résurrection de la chair” (TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 231).

³¹ Desde o gesto humano primário, gesto de comunhão eclesial, capaz de tomar o pão (e não somente o pão eucarístico, mas todo aquele que é fruto da terra e do trabalho humano) e reparti-lo equitativamente com generosidade e caridade, entre todos os convidados como um sinal de autodoação de cada um em favor de todos, pode-se realmente fazer presença viva da “carne e sangue” nos dons enquanto dados, da vida e da presença de Jesus Cristo como entrega e oblação de seu corpo e de seu sangue, realizada uma vez por todas para “a vida do mundo” (*Jo 6, 51*) (cf. TILLARD, J.-M. R. *Chair de l'Église, chair du Christ*, p. 48-53).

Sacramento da Eucaristia não se reduz ao pão e ao vinho isolados em si mesmos, senão o pão e o vinho enquanto assumidos e utilizados por uma comunidade em um determinado lugar – Igreja local – que se serve destes como dons, frutos da terra e do trabalho humano, como instrumento e veículo de inter-relação e de comunhão inter-humana, de “comunhão dos santos”.³² Pão e vinho são também sinal e “sacramento” da presença de Cristo; porém, não como realidades autônomas, mas enquanto assumidas em um gesto comunitário de doação aberta, de entrega generosa e de oblação de cada um em favor de todos.³³

A partir dessa perspectiva da dimensão eclesial da Eucaristia, cresce a consciência de que esta consiste essencialmente na *diakonía* que é a concretização do ágape de Cristo (cf. *Jo* 13, 15). É nessa convicção que a Eucaristia forma uma Igreja que se faz necessária a cada momento da história e a cada pessoa, até à Parusia. Se o aspecto da comunhão fraterna – *koinonía* – é consequência da Eucaristia por uma virtude intrínseca a ela, também o serviço – *diakonía* – aparece na prática como testemunha autêntica de uma Igreja-comunhão;³⁴ uma Igreja servidora da mensagem evangélica que da Eucaristia busca forças para a sua missão no mundo; uma Igreja nascida e formada pela graça eucarística, marcada pela intenção de Jesus Cristo: inaugurar o Reino de Deus e colocar-se integralmente ao seu serviço. A comunhão abre-se à missão universal, através dos meios concretos que, desde a experiência pessoal, gera o anúncio e o testemunho. E o anúncio testemunhado proclama um evento, a salvação que o Pai, através do Espírito Santo, comunica no acontecimento pascal de seu Filho. Porém, essa *koinonía* eucarística implica uma forma objetiva, uma estrutura institucional; e se o vínculo profundo e invisível é o Espírito Santo, os

³² TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 231-235. Tillard escreve dizendo que o cristão encontra-se, graças à participação na Eucaristia, mais vivamente associado à Igreja que peregrina em direção de sua realização escatológica. Quando foi-se perdendo a estreita relação entre culto a Deus e fraternidade humana, entre sacrifício eucarístico e comunhão, perdeu-se progressivamente o dinamismo original da Eucaristia; e a “comunhão dos santos” aparece vinculada cada vez mais, a partir do século XIV a uma dimensão puramente espiritualista da Eucaristia.

³³ JUNGSMANN, J. A. *El sacrificio de la missa*. Madrid, 1951, p. 629-655; TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 232.

³⁴ Tillard fala de missão, reservada a cada fiel que, nutrido-se do pão eucarístico, sente-se Igreja e comprometido com ela na sua missão no mundo (cf. TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 234).

Apóstolos e seus sucessores são o testemunho e a garantia visível da fidelidade às suas origens, na e através da Igreja eucarística.³⁵

A assembléia eucarística³⁶ não é uma massa informe, mas um corpo orgânico, hierarquicamente estruturado. As várias assembléias neotestamentárias revelam um dado primário: a presença-presidência dos Apóstolos (cf. *At* 2, 42; 4, 33). Não há uma assembléia eclesial que não esteja em comunhão com o ministério episcopal, ao qual está ligada a Palavra e a Eucaristia, e o reconhecimento daquele que é colocado como cabeça e guia do Povo de Deus, em nome de Cristo (cf. *LG* 24-25; *CD* 12 e 15; *PO* 7-8); ministério ordenado não anterior ou acima da assembléia eucarística, mas no seu interior e a serviço de todo o povo sacerdotal, auxiliado por seus colaboradores e com a participação do povo fiel.³⁷ A assembléia eucarística, porque é eclesial, também se numericamente pequena, supera o âmbito local,³⁸ para abrir-se às outras assembléias, as Igrejas locais dispersas pelo mundo inteiro, para abraçar e comungar, com toda a humanidade, em vista da assembléia celeste.³⁹

³⁵ TILLARD, J.-M. R. *L'Eucaristia e la Chiesa*, p. 78-86. A Igreja é a um tempo comunidade espiritual de fé, esperança e caridade, como também uma “sociedade” visível, hierárquica: “Ci sembra necessario affermare che la Chiesa non esprime perfettamente il suo essere sociale e gerarchico se non nell'Eucaristia” (Ibid., p. 79).

³⁶ TILLARD, J.-M. R. *L'Eucaristia e la Chiesa*, p. 79.

³⁷ “Tutto ciò diviene più percettibile quando l'Eucaristia viene celebrata secondo la sua forma perfetta, la concelebrazione di tutti i sacerdoti e del popolo, soprattutto quando chi preside è il vescovo (cf. *SC* 57; *PO* 7-8). In questo caso infatti, si attualizzano al tempo stesso la costituzione gerarchica della Chiesa locale e la legge di ciascuno dei suoi elementi, poichè, composta dal vescovo, dal *presbyterium*, dai diaconi e dal popolo fedele, ciascuno secondo la propria funzione, l'assemblea ha veramente coscienza di non formare che un unico mistero di grazia il cui legame è costituito dall'unica Parola di Dio e dall'unico Corpo sacramentale del Signore” (TILLARD, J.-M. R. *L'Eucaristia e la Chiesa*, p. 80).

³⁸ “Dire che la Chiesa si costruisce a partire dalle comunità locali e che queste sono essenzialmente eucaristiche, significa dunque affermare che la Chiesa visibile, nella potenza dello Spirito e con la strumentalità del mistero gerarchico, sale in tutto realismo dal terreno umano continuamente lavorato dalla grazia e per conseguenza che essa cristallizza la misteriosa azione di Dio nel mondo” (TILLARD, J.-M. R. *L'Eucaristia e la Chiesa*, p. 84).

³⁹ Quando a Igreja local celebra a Eucaristia, memorial do Senhor, anuncia que a sua estrutura externa não faz nada mais que traduzir num modo ainda obscuro aquilo que misteriosamente será realizado no momento da recapitulação e da consumação de todas as coisas na glória do Filho de Deus. Tillard o expressa dizendo: “La Chiesa della terra radunata per l'Eucaristia e la Chiesa della Patria fissata nella *koinonia* del Padre sono due tappe di un unico Mistero” (TILLARD, J.-M. R. *L'Eucaristia e la Chiesa*, p. 85s; cf. *LG* 50).

A assembléia eucarística é, antes de tudo, em comunhão com a Igreja local e explicitamente com seu pastor-bispo, indicado pelo nome; com os pastores das outras Igrejas locais, com o Colégio episcopal e sua cabeça, também esse indicado pelo nome. É aberta a todos os presentes, os ausentes, ao inteiro povo redimido, a todos os filhos de Deus dispersos pelo mundo inteiro, a todos os homens que buscam a Deus de coração sincero. É unida não somente aos irmãos que estão mortos na paz do Cristo – que nos precederam com o sinal de fé – mas a todos os falecidos dos quais só Deus conheceu a fé. É em comunhão com todos os santos, a começar pela bem-aventurada Maria, Virgem e Mãe de Deus e da Igreja, os Apóstolos, os Mártires, juntamente com todas as criaturas libertadas da corrupção do pecado e da morte; e pede para alcançar a herança eterna e de louvar sem fim a glória do Pai, por Cristo, no Espírito Santo.⁴⁰

Ainda a considerar-se é a questão da Eucaristia que constitui, sob o ponto de vista teológico e prático, um aspecto particularmente nevrálgico e doloroso no encontro das Igrejas cristãs e dos seus membros no movimento ecumênico. E não poderia ser diferente. A Eucaristia é, por definição, o Sacramento da unidade, a ação eclesial central, da qual nasce e na qual manifesta-se a unidade de todos aqueles que são incorporados a Cristo na sua Igreja (cf. *1 Cor* 10, 16-17).⁴¹ E toda a Tradição da Igreja comprova, com base no Novo Testamento, que a comunhão da Igreja, a comunhão no corpo e no sangue de Cristo na ceia eucarística, como também a “comunhão dos santos” encontra a sua maior expressão e necessária visibilidade na assembléia eucarística.⁴²

⁴⁰ Essa é uma coleção de palavras extraídas das novas preces eucarísticas do Missal Romano para mostrar que na perspectiva da etapa peregrinante da Igreja ela é eucarística, em comunhão com a Igreja que ainda sofre e a Igreja que já está na glória.

⁴¹ A Igreja que cumpre a intenção de Cristo, quando faz nascer, na água e no Espírito do Sacramento do Batismo, o sopro de uma vida nova como novo membro de Cristo e de sua Igreja, não tem outro desejo a não ser que ele chegue um dia à comunhão eucarística na qual esta nova vida é aprofundada e encontra a sua plenitude. E aqui encontra-se o problema fundamental da unidade dos cristãos na sua relação com a Eucaristia (TILLARD, J.-M. R. *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 238).

⁴² Não é por menos que o problema eucarístico tomou sempre, e quanto mais o movimento ecumênico crescia e se projetava, um aspecto crítico e também dramático, porque é, antes de tudo, na Eucaristia que aparece com acentuação particularmente dolorosa o escândalo da divisão dos cristãos (cf. TILLARD, J.-M. R. *Église d'Églises*, p. 52-66).

A unidade nunca deve ocultar a sua dimensão trinitária e escatológica, porque a comunhão a que se aspira não é buscada em motivações sociológicas, nem sequer porque é um bem para a Igreja ou para o mundo, mas faz parte de sua essência; e a Igreja crê em um Deus que é comunhão. E somente uma Eclesiologia de comunhão poderá oferecer o caminho do futuro das Igrejas cristãs, para que a unidade se expresse de modo visível.⁴³ Porém, ainda neste caso, à luz da importância do Batismo como fundamento da unidade já existente, pode-se falar de um *votum eucharistiae*.⁴⁴ O Batismo tende à Eucaristia e esta atua como pólo de comunhão da realidade salvífica celebrada no Batismo. Mas não se deve cair na impaciência, acelerando os passos ou antecipando apressadamente a participação eucarística em nível interconfessional. Em todos aqueles que, em nível individual ou em nível de Igrejas que se abrem ao movimento ecumênico e à busca da unidade, deve-se reconhecer um *votum catholicitatis* válido e verdadeiro: em todas as Igrejas cultivam-se elementos que podem realizar de modo mais pleno e mais variado a plenitude da *Catholica* que se expressará plenamente na vinda definitiva do Senhor da História e da Igreja.⁴⁵

⁴³ RIGAL, J. Différentes approches théologiques. In: Id. *L'ecclésiologie de communion. Son évolution historique et ses fondements*. Paris, 1997, p. 151-208, especialmente "Jean Zizioulas artisan de communion", p. 175-195; TILLARD, J.-M. R. *Église d'Églises*, p. 384-397.

⁴⁴ TILLARD, J.-M. R. Le "votum eucharistiae": l'Eucharistie dans la rencontre des chrétiens. In: *Miscellanea liturgica in onore del Cardinale G. Lercaro*, II, Roma, 1967, p. 34-352, especialmente, p. 143-194.

⁴⁵ TILLARD, J.-M. R.. Pluralisme théologique et mystère de l'Église. *Concilium(F)* 191 (1984), p. 109-124; FORTE, B. *La Iglesia de la Trinidad*. Salamanca, 1996, p. 237-251.

JORNAL MUNDO JOVEM

Criado em setembro de 1963, no Seminário Maior de Viamão, com o nome “SOS Vocações”, o jornal *Mundo Jovem* é um órgão da Faculdade de Teologia da PUCRS, desde janeiro de 1972.

De início, tinha o objetivo específico de incentivar vocações sacerdotais e religiosas. Hoje, o jornal é dirigido basicamente a estudantes de Ensino Médio e a grupos de jovens nas paróquias. Aborda questões que propõem um debate sobre os diferentes temas que atingem a nossa vida, de modo especial nas áreas humanísticas.

Os textos são redigidos por jovens, professores e especialistas de todo o país. São colaborações enviadas ao jornal espontaneamente ou a convite da equipe de redação.

Hoje, o *Mundo Jovem* está presente em mais de quatro mil cidades brasileiras. Sua tiragem é de 130 mil exemplares por edição. É distribuído exclusivamente através de assinaturas. O assinante pode optar pela assinatura anual (com as edições de fevereiro a novembro), ou pela assinatura do 2º semestre (com as edições de julho a novembro).

Em 2003, por ocasião dos 40 anos do jornal, foi produzido um CD-Rom com a digitalização de todas as páginas do *Mundo Jovem*, desde setembro de 1963 até ao final de 2003. São mais de 10 mil textos que podem ser visualizados, inclusive com possibilidade de pesquisa por tema, autor ou data.

O site www.mundojovem.pucrs.br apresenta todas as informações sobre formas e preços das assinaturas, os temas que serão abordados durante o ano, a entrevista publicada no jornal de cada mês e uma pequena síntese de todas as matérias, além de textos de leitores, poesias e temas complementares.

Para contato com a equipe do jornal e maiores informações, pode ser utilizado o telefone 0800-515200.
